

FAMÍLIA COMBONIANA

NOTICIÁRIO MENSAL DOS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS DO CORAÇÃO DE JESUS

N.º 794

Março de 2021

DIRECÇÃO-GERAL

NOTAS GERAIS

Consulta de Fevereiro de 2021

1. Nomeação do Novo Secretário Geral

O CG nomeia o *Ir. Giusti Daniele Giovanni*, mccj, novo Secretário Geral a partir de 1 de Abril de 2021. O CG agradece vivamente ao P. Umberto Pescantini, mccj, pelos longos anos de generoso serviço como Secretário Geral.

2. Representante Legal

O CG nomeou o *Ir. Giusti Daniele Giovanni*, mccj, Representante Legal do Colégio Internacional Daniel Comboni (Distrito da Cúria, Roma-Paris). O CG decidiu separar a figura do ecónomo geral da do representante legal, não obstante a RV 163.2 indique que por norma o representante legal é o ecónomo provincial/ecónomo geral. Com efeito, um dos últimos documentos da Igreja, CIVCSVA, «*Economia ao serviço do carisma e da missão*», nº 65, sugere que, onde é possível, é melhor separar o serviço de administração provincial ou geral do representante legal.

3. Destinação dos confrades

A pandemia está a condicionar a vida de muitíssimas pessoas e instituições e também a do nosso Instituto. Muitos confrades não podem obter os vistos e viajar para as suas novas destinações. O CG terá em conta esta dificuldade ao destinar os confrades.

4. Encontro dos Ecónomos de Circunscrição

O encontro residencial de Abril dos ecónomos de circunscrição foi adiado, pelo contrário, os encontros continentais por videoconferência terão lugar conforme o programa pré-estabelecido.

5. Webinar do Fórum sobre a Ministerialidade Social dos membros de toda a Família Comboniana

O webinar terá lugar dias 5 e 6 de Março por videoconferência. Este webinar concentrar-se-á sobre o estado do mapeamento do ministério social.

Encorajamos todos a participar.

Profissões perpétuas

Esc. Nyinga David Dunga (CN)	Pangoa (PE)	08/01/2021
Esc. Chichole Paul Makokha (KE)	Lokichar (KE)	16/01/2021
Esc. Muhindo Gratien M. (CN)	Kinshasa (RDC)	31/01/2021

Ordenações sacerdotais

P. Mponda João Mponda (MO)	Beira (MO)	30/01/2021
P. Ngbo Fufunga Justin (CN)	Bondo (RDC)	07/02/2021
P. Nkumileke Macaire Mbo (CN)	Kinshasa (RDC)	27/02/2021

Obra do Redentor

Março	01 – 07 CO	08 – 15 E	16 – 31 DSP
Abril	01 – 15 CN	16 – 30 EC	

Intenções de oração

Março – Para que o ministério da Família Comboniana reforce a «justiça de género», em particular a defesa das mulheres e das adolescentes. *Oremos.*

Abril – Para que as missionárias seculares combonianas vivam sempre na dinâmica pascal de morte e ressurreição, com a certeza que o Espírito continuará a conduzir o seu caminho. *Oremos.*

Publicações

Guido Oliana, *Omellie ai Seminaristi su Gesù Cristo «Via, Verità e Vita»*, Nairobi, Publicações Paoline Africa, 2021. O livro é uma segunda compilação de homilias feitas pelo autor no Seminário Maior de Juba (Sudão do Sul). Pretendem clarificar como a Palavra de Deus se torna vida no contexto pessoal de cada um. Por vezes reportam aquilo que foi explicado na escola e a dramática situação do Sudão do Sul. Expressam uma dimensão trinitária. A *dimensão teológica* centra-se no primado da acção do Pai. A *dimensão espiritual*, por outro lado, centra-se no primado do Espírito Santo que torna o homem capaz de penetrar no sentido da Palavra. A *di-*

mensagem cristológica mostra como pôr em prática a Palavra na vida à luz da encarnação de Cristo.

VIA ZOOM

Encontro dos combonianos da comunicação

Em vista do XIX Capítulo Geral, alguns combonianos empenhados na comunicação missionária a nível do Instituto sentiram a necessidade de iniciar entre si um processo de reflexão sobre o tema da comunicação e sobre a paixão missionária vivida no desempenho deste ministério. Assim, no passado dia 4 de Fevereiro, encontraram-se via Zoom, das 16h00 às 17h30 (hora de Roma), para dar a oportunidade de participar aos confrades dos vários continentes. Houve um total de 20 participantes, entre os quais alguns delegados capitulares.

O encontro foi o início de um percurso de discernimento que deseja levar primeiro à comissão pré-capitular e depois ao Capítulo o debate sobre o tema da comunicação missionária e comboniana hoje.

«No âmbito da ministerialidade queremos valorizar esta pastoral específica – sublinharam os missionários. A animação missionária deu muito ao Instituto, mesmo em termos de recursos económicos, durante 150 anos, mas hoje estamos em profunda crise. Temos de valorizar o enorme potencial informativo que temos no Instituto: mesmo a comunicação informal, feita por confrades com meios humildes e sem uma formação específica».

Considerando cada uma das circunscrições combonianas, no contexto histórico em que vivemos, é evidente o esforço de promover percursos corajosos de renovação no campo da comunicação.

Recordou-se que alguns Institutos já trabalharam de modo específico para a elaboração de um vademécum ou directório da comunicação. Trata-se, pensando na realidade comboniana, de salientar a identidade própria da nossa comunicação, de integrar os tradicionais meios de comunicação (revistas, jornais, livros, etc.) com os novos *media* e ferramentas digitais e de ter a coragem de lançar juntos novas formas de colaboração e de comunicação, de sensibilização e criatividade missionária para um maior impacto na vida das gentes nos territórios em que estamos presentes.

P. Luigi Girardi (17.02.1925 – 12.11.2020)

O P. Luigi foi durante quase toda a sua vida director espiritual: era uma pessoa pacífica com quem era fácil relacionar-se e que escutava de bom grado.

Nascido em S. Michele Extra de Verona, a 17 de Fevereiro de 1925, de Giuseppe e Anna Aldegheri, Luis frequenta o 3º Ciclo do Ensino Básico nos seminários combonianos de Pádua e Brescia e depois entra no noviciado em Venegono em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial. Faz os primeiros votos no dia da Assunção, a 15 de Agosto de 1944. Os primeiros dois anos de escolasticado passa-os em Rebbio, os dois seguintes em Verona, e depois um ano em Carraia e o último em Venegono. Faz os votos perpétuos a 23 de Setembro de 1949 e é ordenado sacerdote a 3 de Junho de 1950 pelo Card. Ildefonso Schuster em Milão.

Depois de um ano de estudo do Inglês em Sunningdale, Luigi é destinado à missão do Sudão. Mas antes de chegar teve de fazer ainda um ano de árabe em Zahle, no Líbano. No início de 1952 chega finalmente a Okaru, no Bahr el Gebel (Sul Sudão) e aí é destinado como director espiritual dos seminaristas. Aqui aprende as línguas locais Lotuko e Bahri.

Depois de cerca de doze anos deste serviço, o P. Luigi é chamado a Itália e de 1964 a 1970 é director espiritual dos postulantes combonianos em Pádua e depois em Asti. Em 1970 vai para Barcelona para se tornar formador dos postulantes Irmãos. Em 1972 volta para Itália onde, durante alguns anos, serve em várias comunidades dedicando-se ao ministério sacerdotal em Milão, em Verona e em Luca. Em 1981 tem a alegria de voltar para a África e é novamente director espiritual de jovens aspirantes à vida religiosa no Quênia, primeiro em Kiserian, depois em Tartar e depois em Rongai, em serviço aos institutos fundados pelo P. Giovanni Marengoni. Em 1990 passa a dar o seu contributo em Gilgil. De 1993 a 1999 encontrámo-lo em Nairobi como membro da comunidade da casa provincial. Mas em 1999 volta a ser director espiritual durante alguns anos em Rongai para depois passar para o escolasticado comboniano de Nairobi com o mesmo cargo. Em 2006, dada a sua idade, teve de voltar a Itália para tratamentos, mas no ano seguinte é destinado à comunidade do escolasticado de Casavatore para a direcção espiritual dos escolásticos combonianos.

Depois de sete anos deste serviço retira-se para Verona para se preparar para o encontro com o Senhor que o chamará a si com o coronavírus, dia

21 de Novembro de 2020. Durante vários anos, o P. Luigi teve de enfrentar uma cegueira quase total. Tinha sempre necessidade de lupas ou de páginas de computador com caracteres grandes para poder acompanhar as orações da liturgia das horas ou para ler o missal. Nunca se lamentou disto e nunca o fez pesar sobre ninguém.

P. Adriano Galeazzo (31.10.1934 – 14.11.2020)

O P. Adriano Galeazzo nasceu em Voltabarozzo (actualmente, um bairro de Pádua) a 31 de Outubro numa família rica de fé. Cresceu e formou-se nos grupos paroquiais juvenis, sobretudo no belo grupo da JAC, a Juventude da Acção Católica. Na primeira sexta-feira do mês participava nos grupos do Apostolado da Oração. Nas reflexões propostas, a palavra «missão» já fazia palpitar o coração do jovem Adriano. Quando falava sobre isso à sua mãe Teresa, mulher de grande fé e acção, ela liquidava-o dizendo: «Pensa em estudar!». Estudou no Colégio Episcopal Barbarigo, formando-se em Contabilidade. E foi precisamente durante estes estudos que, acompanhado pela orientação espiritual do padre Mario Versuraro, amadureceu a sua vocação missionária para entrar depois no seminário dos Missionários Combonianos. Fez o noviciado em Gozzano e emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1958. Para o escolasticado, foi para Venegono, onde fez a profissão perpétua a 9 de Setembro de 1961. Foi ordenado sacerdote a 7 de Abril de 1962 em Milão, pelo cardeal arcebispo Giovanni Battista Montini, futuro Papa Paulo VI. No dia seguinte encontrava-se já em Voltabarozzo para celebrar a sua primeira missa. Dada a sua propensão para a «administração», os superiores enviaram-no por cerca de quatro anos para Venegono Superior para o escolasticado de Teologia, como ecónomo e colaborador na pastoral paroquial.

Em 1966 chegou o momento de partir para a missão. Depois de alguns meses em Londres para aperfeiçoar o inglês, partiu para a Etiópia-Eritreia e estabeleceu-se na missão de Asmara. A actividade foi intensa: professor, ecónomo, assistente espiritual da comunidade das irmãs combonianas e a actividade pastoral nas paróquias da missão. Entretanto, o contacto com a paróquia de origem era frequente. A paróquia já organizava momentos de oração e colectas para a sua missão. O seu ministério em Asmara durou oito anos. Depois, os superiores enviaram-no para a missão comboniana entre os Sidamo, em Awassa, no sul da Etiópia. O P. Adriano inseriu-se num trabalho intenso de evangelização e desenvolvimento iniciado naquela terra pouco mais de dez anos antes. Aprendeu a língua local e mergulhou na actividade pastoral com os catequistas. Instaurou, com eles e com as gentes do lugar, fortes laços de amizade

que permaneceram durante muitos anos, mesmo depois de regressar à sua pátria.

Os superiores pediram depois ao P. Adriano para desenvolver o seu ministério em Adis Abeba, no coração do Corno de África, na casa provincial, onde exercia também funções administrativas como procurador. Continuou depois a sua «viagem missionária» na Etiópia com a transferência para a missão de Tullo, a cerca de dez quilómetros de Awassa. Aqui permaneceu durante cerca de quatro anos prestando o seu ministério no hospital local. Da missão seguinte na paróquia de Fullasa, sempre na Etiópia, o P. Adriano falava dela como tendo sido o mais belo período da sua vida: não havia luz eléctrica, vivia-se na essencialidade pregando o amor do Evangelho de Jesus.

Em 2002 o P. Adriano deixou a Etiópia por motivos de saúde. Mas continuou a sua actividade pastoral nas comunidades combonianas de Trento, Thiene (foi um dos últimos combonianos presentes no encerramento da comunidade, em 2007), Pádua e Verona. O seu coração, porém, batia sempre pela terra de missão. Para lá se dirigia o seu pensamento, a sua oração nas múltiplas homilias que com cuidado e preparação expunha na sua igreja de Voltabarozzo. Sim, porque Voltabarozzo foi a «sua» paróquia, a sua família, os seus amigos. Muitas vezes era visto a celebrar aqui uma santa missa. Os mais jovens perguntavam-se quem era aquele sacerdote, um pouco curvado pelo peso dos anos, com barba e cabelos brancos, rigoroso e metuculoso no modo de presidir e celebrar a Eucaristia.

Em 2015 o P. Adriano foi transferido para Castel d'Azzano, onde faleceu a 14 de Novembro de 2020 por casa do coronavírus.

P. Giulio Celadon (09.01.1935 – 16.11.2020)

O P. Giulio nasceu a 9 de Janeiro de 1935 em Minerbe, província de Verona, numa família marcada pelo trabalho e pela fé. Fez o noviciado em Florença, onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1956, festa de São Pedro Claver. Depois dos estudos de Teologia em Venegono Inferior, fez os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1959 e foi ordenado sacerdote a 2 de Abril de 1960. O seu primeiro cargo foi o de formador no seminário menor de Pellegrina (província de Verona). Dia 1 de Julho de 1961 foi destinado à comunidade de Pordenone como promotor vocacional e animador missionário no Friuli-Venezia Giulia. Três anos depois abriram-se-lhe os horizontes da missão e foi destinado ao México, para São José do Cabo, como vice-pároco.

«Tinha 29 anos quando chegou à Califórnia mexicana – escreve o P. Rafael G. Ponce no seu testemunho – e não podia imaginar que haveria de passar 47 anos na América Latina (México, Equador e Colômbia) reparando quase equitativamente o seu trabalho entre a promoção vocacional, a animação missionária e a pastoral entre a gente pobre. Durante todos estes anos nunca mudou o seu estilo de simplicidade evangélica, com o seu sorriso discreto; embora pudesse passar quase despercebido, as suas convicções de fé eram muito profundas, assim como as raízes da sua vocação sacerdotal missionária comboniana. Conheci-o quando eu era um jovem seminarista e perguntava-me como é que usava sempre a mesma roupa; depois descobri que tinha feito uma opção de pobreza radical e só tinha duas mudas de roupa da mesma cor. Este detalhe estava em sintonia com o seu modo de ser promotor vocacional: inteiramente centrado na pessoa de Cristo e pôr em prática o evangelho».

O México ocupou um grande lugar no seu coração. Rapidamente foi enviado para o seminário de São Francisco del Rincón, como promotor vocacional, onde se dedicou com todas as energias à sua tarefa até 1 de Julho de 1972, quando o chamaram para Guadalajara como formador no seminário comboniano. Em 1978, os Superiores pediram-lhe que mudasse de país e mandaram-no para o Equador, para a província de Esmeraldas, na costa do Pacífico, para servir na paróquia de Quinindé como vice-pároco. Uma zona em plena expansão social e económica dado o fenómeno da migração interna. Sendo uma terra fértil e rica em bosques, era cobijada por colonos de várias regiões do país, especialmente provenientes das províncias de Pichincha, Manabi e Loja. Não era fácil chegar às aldeias espalhadas na selva e ao longo dos rios e às zonas colonizadas. Mas o P. Giulio, sempre sereno e feliz, generoso e disponível, desdobrava-se e o sector rural foi bem acompanhado espiritualmente.

Em 1982 a obediência pediu-lhe o serviço de pároco na maior cidade do Equador, Guayaquil, também ela meta de migrantes que da serra iam engrossar os bairros pobres da periferia. O P. Giulio foi encarregado de promover a paróquia do Coração Imaculado de Maria numa área de «invasão» por parte de tanta gente que não tinha terreno para construir uma casa. Era impressionante ver os pobres ocupar os terrenos carregando quatro estacas e estendendo uma tela de plástico por cima e pelos lados, ou canas, ou algumas velhas chapas de zinco e começavam a viver ali. Os problemas chegavam com a estação das chuvas, quando a zona se tornava um pântano. Muitos viviam na casa inundada pelas águas sobre algumas tábuas presas ao tecto ou, debaixo, caminhando por cima de tijolos ou pedras. O próprio P. Giulio, que vivia na casa comboniana de

Guasmo, que também servia de igreja, todos os dias para ir à paróquia muitas vezes tinha de usar uns calções curtos por causa dos charcos. Com o seu sorriso sempre acolhedor conseguiu atrair as gentes e formar uma comunidade paroquial viva, activa e solidária. O segredo do seu «sucesso» na catequese era a insistência sobre a Palavra de Deus como luz para a vida quotidiana.

Muitas vezes, à noite, chegava tarde e para comer arranjava-se com o que encontrava, com um bom apetite, que nunca lhe faltou! Em comunidade era serviçal, fazia as compras e desempenhava também o cargo de ecónomo.

De 1988 a 1989 foi vice-pároco em Esmeraldas, na paróquia de San José Obrero e, de 1990 a 1993, vice-pároco de Quinindé. Em 1994 encontrámo-lo em Guayaquil, na sede do centro afro-equatoriano, para o ministério e animação missionária, até 1998, quando foi destinado à Colômbia, no centro de animação missionária de Cali.

Durante algum tempo foi também encarregado do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, contíguo à casa comboniana. Em Junho de 2004, os superiores enviaram-no para Aguachica, diocese de Ocaña, na região do Meta, onde os combonianos tinham aberto recentemente uma paróquia. A situação social desta vasta zona agrícola era complicada devido à presença das FARC, grupo guerrilheiro que disputava o território com grupos paramilitares, tornando a vida difícil a camponeses e criadores de animais. E às poucas indústrias. A realidade era marcada por mortes e massacres de camponeses, actos ilegais e forças militares. A obra de evangelização no meio da violência era realmente complicada e exigia nervos de aço, prudência e profecia.

Em 2005, o P. Giulio foi chamado para o postulante de Medellín, encarregado de animar uma Igreja rica de vocações sacerdotais e religiosas, mas em geral dobrada sobre si mesma.

Em 2008 foi mandado para a sede provincial, em Bogotá, para exercer o mesmo ministério. Depois, até 2010, encontrámo-lo em Cali, empenhado na pastoral e na animação missionária.

Mas as forças começavam a fraquejar. De acordo com a opção do grupo comboniano de deixar o centro da cidade, foi para o bairro definido como «vermelho» pela pobreza e a violência, dominado por bandos de vendedores de droga e sicários.

Todos os dias, o P. Giulio colocava-se diante da igreja, na praça onde passavam as pessoas, ficando à disposição de quantos desejassem falar, desabafar, chorar os seus mortos. Tinha uma palavra de conforto e de fé para cada um. Um serviço precioso, de pastor com «o cheiro das ove-

lhas», diria o Papa Francisco. Mas o ambiente insalubre, pouco a pouco, minou os seus delicados pulmões e, depois de ter feito de tudo para se curar, teve de resignar-se a repatriar definitivamente em 2012.

Uma vez restabelecido, não se resignou à situação de reformado e, destinado à comunidade de Milão, trabalhou na animação missionária. Em 2015, a sua saúde voltou a debilitar-se e teve de aceitar retirar-se como idoso e doente, primeiro para Verona e depois para Castel d’Azzano, onde passou o tempo na oração e na escuta da Palavra. E foi aqui que o coronavírus o apanhou e lhe provocou a morte, a 16 de Novembro de 2020.

Durante uma das minhas visitas, quando lhe perguntei qual o segredo da sua serenidade, respondeu-me: «confiar-se ao Senhor e sorrir sempre». Agora está na companhia de São Daniel Comboni e de tanta gente encontrada no seu caminho da Itália ao México, ao Equador e à Colômbia. A paixão pela missão foi a sua força, radicada no coração de Jesus e no amor aos últimos, nos quais serviu Jesus. (*P. Raffaello Savoia, mccj*)

P. Luigi Capelli (19.04.1944 – 17.11.2020)

«São vinte os confrades da nossa comunidade que a covid-19 levou – escreve o P. Manuel João Pereira. O P. Luigi era o mais novo deste grupo (76 anos) e o mais “idoso” em termos de permanência nesta comunidade de acolhimento de Verona (desde 1994); era o mais conhecido e popular e a sua morte suscitou viva comoção, em particular entre os nossos assistentes; mas sobretudo porque esta figura demonstra mais uma vez como Deus leva por diante a sua obra com os pequenos, servindo-se das nossas qualidades, mas também dos nossos limites e da nossa pobreza.

O P. Luigi não era uma pessoa de “grandes” dotes, mas distinguiu-se pela sua jovialidade, que se manifestava no bom humor, na simpatia, na vontade de viver, no espírito infantil brincalhão e aventureiro, na espontaneidade e na simplicidade, uma alma cordial, generosa, pacífica e de boa companhia. Era um verdadeiro artista da vida, que sabia dar uma coloração particular a cada um dos seus momentos. Deus deu-no-lo para a alegria de todos».

O P. Eugenio Petrogalli, que conviveu longamente com o P. Luigi na missão diz: «Passei anos belos, alegres, por vezes um pouco extravagantes, com ele em Abor e em Liatí (Gana)... Recordo que no primeiro dia em Liatí, entrámos numa igreja juntos. Ele ajoelhou-se diante do Sacrário e, abrindo os braços, disse em alta voz: «Jesus, aceita-me como sou e faz-me como Tu queres, mas devagar... *blewuuuu!*». Depois de eu ver que

estávamos sós na igreja, ajoelhei-me ao seu lado e disse: “Luigi, queria confessar-me”. E ele: “Que fazes? Levanta-te, por acaso queres ser mais pecador que eu!?”».

Seguimos agora o relato do P. Girolamo Mianze: «Conheci o P. Luigi em Issy les Moulineaux, na sede do escolasticado. Tinha vindo para França para o estudo do Francês. Já tinha passado um grande período em Londres para o Inglês: estava destinado à província do Togo-Gana-Benim e o conhecimento das duas línguas mostrava-se importante para o trabalho missionário. Estamos em 1976, o P. Luigo era um homem alegre, feliz com a sua vocação e, realmente, passar do inglês para o francês não era uma coisa simples. Além do Curso na *Alliance Française*, uma gentil senhora idosa ajudava-o nos deveres de casa e todos os dias lhe repetia “mon père, les accents!” (padre, os acentos!): tinha dificuldade com todas aquelas palavras com acentos, até que um dia, no fim dos deveres, acrescentou toda uma linha de acentos convidando a senhora a colocá-los ela onde era necessário!

Luigi fez o noviciado em Gozzano, onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1966 e o escolasticado em Venegono Superior e em Rebbio onde fez a profissão perpétua a 9 de Setembro de 1969.

Depois da ordenação sacerdotal, a 19 de Março de 1970, passou alguns anos na promoção vocacional em Itália, em Asti e Thiene, seminários menores que acolhiam rapazes disponíveis para um caminho vocacional. Eram anos ainda fecundos e com o seu temperamento alegre e brincalhão conseguia transmitir este mesmo entusiasmo aos rapazes que encontrava.

Destinado ao Togo-Gana-Benim, o seu serviço desenvolveu-se sempre no Gana entre 1977 e 1993. O tempo mais belo para o P. Luigi. Estava-se ainda nos inícios com duas comunidades em Abor, a 40 quilómetros da fronteira de Aflao com o Togo, e em Liati, na montanha: foram as duas missões que viram o P. Luigi como zeloso missionário, sempre entre as gentes, nas aldeias e nas capelas para acompanhar o caminho das pequenas comunidades, o catecumenato, os rapazes, os idosos. Desenrascava-se com a língua local, o ewe, uma língua tónica com um monte de acentos (os amigos do P. Luigi!), com o seu *Toyota* percorria as estradas lamacentas ou poeirentas, com muitos buracos, sempre feliz na companhia de uma amiga inseparável: a espingarda!

O P. Luigi era amante da caça e quando avistava alguma ave ou animal não perdia a oportunidade de parar e disparar! No seu quarto não havia muitos livros, mas muitos cartuchos! Entre nós confrades, era conhecido como “padre bife”. Em 1993 a sua saúde começou a piorar e foi necessá-

rio regressar para Itália. A vida missionária continuava, mas num modo completamente diferente entre Verona Casa Mãe, Rebbio, novamente Verona para terminar em Castel d’Azzano. Sereno, mas necessitado de atenção e de tratamentos, viveu estes longos anos numa oferta de si «gratuita», conhecida só do Senhor. Encontrando-o nos corredores do centro de doentes de Verona ou de Castel d’Azzano, era sempre acolhedor com um belo sorriso. Olá Bife! Recordas-te do Gana, da tua missão? E o seu refrão de resposta “j’ai perdu la mémoire!” (perdi a memória) repetia-se como sempre, mas algumas palavras em ewe e algumas pequenas recordações refloresciam na mente».

P. Gerardo Arturo Fregoso (21.01.1957 – 17.12.2020)

O P. Gerardo nasceu na Cidade do México a 21 de Janeiro de 1957 numa família de quatro filhos, na qual recebeu um testemunho muito profundo de vida cristã. Em 1975 entrou no postulante de Xochimilco e dois anos depois passou para o noviciado de Cuernavaca, onde a 21 de Abril de 1979 fez a primeira profissão. Foi depois destinado ao escolasticado de Innsbruck, na Áustria, para continuar a formação teológica, mas encontrou algumas dificuldades de adaptação pelo que os superiores o mandaram para Roma, onde terminou a formação e fez a profissão perpétua a 10 de Junho de 1983. Regressou ao México e foi ordenado sacerdote na Cidade do México, a 3 de Dezembro do mesmo ano.

O P. Gerardo era uma pessoa boa e generosa que, todavia, nas suas experiências de missão, sempre encontrou dificuldades até por causa de uma saúde muito frágil e de uma vida marcada por doenças e sofrimentos. Entre 1984 e 1989 permaneceu na Cidade do México e licenciou-se em Ciências da comunicação: Durante algum tempo foi também director da revista *Aguiluchos*.

Em 1989 foi destinado a Moçambique que atravessava uma situação de guerra e de violência para a qual o P. Gerardo não estava preparado. A isto juntou-se a doença pelo que teve de regressar ao seu país. Em 1994, depois do Curso de Renovamento em Roma, foi novamente destinado à missão e mandado para a Costa Rica, mas pouco depois voltou para o México e pediu para se poder incardinar na arquidiocese da Cidade do México, para a qual trabalhou durante alguns anos. Em 2004 regressou à comunidade e foi destinado à pastoral na Baixa Califórnia.

Em 2005 tentou novamente regressar à missão e foi destinado à Colômbia. Durante algum tempo permaneceu em Bogotá e depois foi mandado para Medellín, mas também ali teve dificuldades e regressou à Cidade do

México, à casa provincial, com um acompanhamento pessoal e trabalhando como procurador.

Desde 2013 encontrava-se na comunidade de Moctezuma como ecónomo e empenhado noutros serviços, como o acolhimento e a assistência aos confrades de passagem. Ao mesmo tempo, acompanhava espiritualmente alguns grupos de leigos aos quais dava formação.

Nos últimos anos teve de se submeter a uma intervenção cirúrgica à coluna vertebral e, recentemente, tinha tido uma pneumonia. No início de Novembro teve um crise respiratória pelo que teve de ser hospitalizado. No hospital foi infectado com covid-19 e iniciou o seu calvário que durou um mês e meio. Faleceu no hospital a 17 de Dezembro de 2020. (*P. Enrique Sánchez G., mccj*)

Ir. Roberto Moser (05.01.1933 – 17.11.2020)

Roberto nasceu em Faida de Pinè, no Trentino, a 5 de Janeiro de 1933. Como aspirante comboniano, depois de cinco anos de curso, conseguiu o certificado de carpinteiro ebanista na Escola Técnica Profissional de Pordenone, gerida pelos Irmãos combonianos Giuseppe Biasin e Alessandro Pelucchi. Aos 20 anos entrou no noviciado comboniano de Florença e fez a primeira profissão a 9 de Setembro de 1955. A sua primeira destinação foi para o trabalho no campo, durante um ano, na casa de Pellegrina e, um outro ano, em Via Saldini em Milão.

É depois destinado ao Sudão do Sul e partiu em 1958 para Mupoi, onde durante alguns anos exerceu a sua profissão de carpinteiro. Em 1965 encontrámo-lo por alguns anos empenhado nas construções em Moncada, em Espanha, e depois em Ibiracú, no Brasil. Depois de um ano, passado na Casa Mãe de Verona, é mandado para o Equador, onde tinha o cuidado da comunidade servida pela paróquia de Viche, na diocese de Esmeraldas. Em 1977 foi novamente chamado a Itália, para Pordenone.

Em 1981 reabriu-se para o Ir. Roberto o caminho da África: destinado ao então Zaire, trabalhou em Isiro e em Rungu. Em 1994 voltou para Itália e no ano seguinte participou no Curso de Renovamento em Roma para depois ser destinado à comunidade de Venegono.

Ao longo da sua vida teve ocasião de aprender várias línguas: o francês, o inglês, o português e o espanhol.

Permanecendo sempre membro da província italiana desde 2001, passou alguns anos no Congo, na paróquia de Tokoyo. Depois, de 2003 a 2018, foi membro da comunidade de Trento e passou os últimos dois anos da sua vida em Verona e depois em Castel d’Azzano onde o atingiu o coronavírus. Faleceu a 17 de Novembro de 2020.

P. Riccardo Bolzonella – (13.12.1929 – 13.12.2020)

Aos 16 anos Riccardo entrou no noviciado comboniano de Florença onde fez a primeira profissão a 9 de Setembro de 1947. Para frequentar o escolasticado foi primeiro para Rebbio e depois para Venegono onde emitiu os votos perpétuos a 19 de Setembro de 1952 e foi ordenado sacerdote a 30 de Maio de 1953. Antes de partir para a missão ficou alguns anos em Itália como promotor vocacional, primeiro em Verona, na Casa Mãe, e depois em Pellegrina. Em 1957 foi destinado ao Sudão do Sul, onde se dedicou ao ministério nas paróquias de Naandi, Yubu e Mupo. Em 1964 regressou a Itália para participar, em Roma, no Curso de Renovamento. No ano seguinte foi destinado ao Uganda onde passou mais de trinta anos de vida missionária, interrompidos por um período de doze anos (1987-1999) no qual foi chamado a ser superior local das comunidades Milão-Reitoria e depois Verona-Reitoria.

«Chegado ao Uganda em 1965, o P. Riccardo passou boa parte do seu ministério a trabalhar na diocese de Lira, servindo na paróquia de Aliwang, depois na de Iceme e, por fim, como capelão das «Missionary Sisters of Mary Mother of the Church», na Casa Mãe, situada em Ngetta, a 8 km de Lira. Esta Congregação foi fundada há cinquenta anos por D. Ceaser Asili, primeiro bispo da diocese de Lira» – escreve o P. Polycarp Opio, sacerdote da diocese de Lira» – «Acompanhava a formação das jovens no postulanteado, tempo de preparação antes de entrar no noviciado e abraçar a vida religiosa. Preparava sempre as aulas de carácter bíblico e litúrgico e tratava sobretudo da sua formação espiritual. Era um sacerdote cheio de humildade e isto reflectia-se na sua conduta e no seu modo de fazer as coisas, incluindo o seu modo de andar, sempre composto. Esta sua humildade influenciou positivamente sobre muitas pessoas que o conheceram.

Era um missionário completamente dedicado ao seu serviço sacerdotal. O seu empenho manifestava-se ao ser sempre pontual na celebração da missa e nos demais compromissos pastorais. Sempre encorajou também as jovens postulantes a ser pontuais. Quando uma delas chegava atrasada, gostava de chamar a atenção das outras sussurrando-lhes: «Quando fordes religiosas, não sejais assim». Este aspecto também contribuiu para fazer daquelas jovens mulheres religiosas empenhadas, especialmente no campo da oração.

O P. Riccardo era uma pessoa muito organizada, o que lhe permitiu gerir o seu tempo da melhor forma e cumprir os compromissos que se propôs com zelo e precisão. E ajudava-o a tornar-se disponível nas tarefas espe-

cíficas que lhe eram pedidas e a servir plenamente as pessoas a ele confiadas.

Uma outra característica da sua personalidade era a sua grande caridade. Era tão apaixonado no seu serviço às postulantes que procurava também vir ao encontro das suas necessidades concretas, ajudando-as com os poucos recursos que tinha. Era como um avô para elas. Através do seu trabalho missionário espalhou o seu grande amor pelas gentes da diocese de Lira.

Amava o seu sacerdócio e estava prontamente disponível para desenvolver os seus deveres sacerdotais, celebrando missas e administrando os sacramentos. O amor era o sinal distintivo do seu serviço sacerdotal, onde quer que fosse. Estou certo de que o testemunho que deixou não será apagado pelo tempo: O P. Riccardo será sempre recordado porque era um homem com um grande coração».

Em 2012 regressou a Itália devido a problemas de saúde e foi destinado à comunidade de Luca, como ecónomo local. Em 2015 transferiu-se para Castel d’Azzano, onde faleceu no dia do seu aniversário, a 13 de Dezembro de 2020.

P. Bruno Tinazzi (20.03.1934 – 23.12.2020)

O P. Bruno nasceu em Bosco Chiesanuova, nas montanhas veronesas, a 20 de Março de 1934. Com quase 20 anos entrou no noviciado comboniano de Florença. Depois de dois anos de noviciado e a primeira profissão religiosa como Irmão comboniano, a 25 de Março de 1955, Bruno foi enviado por alguns anos para o norte de Inglaterra (Stillington e Mirfield) para completar a sua formação profissional. A 9 de Setembro de 1960 fez os votos perpétuos.

No início de 1962 chegou ao Uganda e foi destinado à zona do Karamoja. Serviu nas comunidades de Kaabong, Kotido, Kangole e Namalu. Em meados de 1968 foi chamado a Itália para a comunidade de Trento, mas um ano depois já estava de regresso ao Karamoja, em Namalu. Eram os anos em que o caminho do sacerdócio ministerial se abria a alguns religiosos. Também Bruno pediu para empreender os estudos para ser sacerdote e foi mandado para Roma para quatro anos de escolasticado. Ordenado sacerdote a 2 de Fevereiro de 1975, é de imediato reenviado em missão no Uganda, primeiro, durante alguns anos, entre os Acholi em Kitgum e depois, desde o início de 1977, de novo no Karamoja. Eram os anos da queda de Amin e da chegada do exército tanzaniano ao Uganda. Da missão ugandesa de Karenga, o P. Bruno deslocou-se para a de Katilu, e permaneceu a anunciar o evangelho entre os Pokot.

Em 2000 passou para Lokichar e em 2006 para Nakwamekwi, entre os Turkana. Depois de tantos anos desta vida missionária, o P. Bruno é chamado à casa provincial de Nairobi, para um serviço aos confrades de passagem.

Em finais de 2016, devido à sua doença, foi obrigado a permanecer em Itália para tratamentos e, depois de alguns anos na Casa Mãe de Verona, foi transferido para a comunidade dos idosos-doentes de Castel d’Azzano. Aqui, também o P. Bruno adoeceu de Covid-19 e encontrou o Senhor que o chamava à recompensa pelo seu trabalho missionário a 23 de Dezembro de 2020: precisamente para ir celebrar o Natal no paraíso.

«Tive a graça de encontrar o P. Bruno várias vezes na vida – relata o P. Umberto Pescantini – primeiro no Uganda, depois, com encontros mais significativos, no Quênia, quando eu era provincial. Era um homem claramente identificado com a missão. Tendo sido primeiro Irmão, continuava a ter também uma aproximação muito prática à missão, planificando e construindo não só capelas, mas também obras de necessidade pública como poços, casas, plantações e cuidando dos idosos. Gostava de estar com as gentes e ouvir as suas histórias. Tinha um temperamento sereno e estava de bom grado em comunidade. Sentados ao ar livre, nas esplêndidas noites de estrelas em Lokichar, não só gozávamos a paisagem da Via Láctea ou a descoberta de satélites artificiais de passagem, mas trocávamos também as notícias do dia, do trabalho missionário ou do encontro com os catequistas e, por vezes, dávamo-nos a boa noite com um copinho».

E eis a recordação do P. Mariano Tibaldo. «Quando fui visitar o bispo de Lodwar, D. Patrick J. Harrington, em 2007 – naquele tempo eu era o provincial do Quênia – o P. Bruno encontrava-se na missão de Lokichar e, além disso, era vigário geral da diocese. Com o bispo falámos sobre vários assuntos, dos problemas da diocese e das missões administradas pelos Combonianos. D. Harrington tinha uma grande estima pelos confrades que trabalhavam na diocese, teria querido confiar-lhes outras missões, mas, naturalmente, também ele compreendia quanto o seu desejo era impossível, dada a carência de pessoal que afligia todos os Institutos missionários. Falando do P. Bruno e elogiando o seu trabalho e a sua disponibilidade, em poucas palavras traçou o seu carácter: “É um verdadeiro cavalheiro”. Penso que estas sejam as palavras mais apropriadas para delinear quem foi o P. Bruno: uma pessoa sensível, disponível, humilde, atenta às pessoas e aos confrades. Comunicava com as gentes em turkana – facilitado pelo facto de ter aprendido o karimojong no Uganda, uma língua muito semelhante ao Turkana – e eu apreciava o modo muito

“fino” que tinha de se relacionar com as gentes: não levantava a voz, ouvia todos, “perdia tempo” nas relações – que é a coisa que mais conta na missão. E não é garantido que missionários que viram de tudo e que passaram por experiências de guerras, carestias e doenças, permaneçam uns “cavalheiros”.

Partilhámos um período em comunidade, quando decidimos transferir o P. Bruno para a casa provincial em Nairobi, no papel de superior. Recordo que cada vez que ia fazer as compras me perguntava se precisava de algum alimento especial ou alguma coisa que gostasse. Em suma, atento às necessidades dos outros. Mas aquilo de que serei sempre grato ao P. Bruno é de ter criado uma atmosfera de acolhimento e de serenidade na casa provincial. O meu último período no cargo de provincial foi muito difícil, um momento em que havia diversos problemas a enfrentar e não fáceis de resolver. À noite sentia necessidade de alhear-me das minhas preocupações e reencontrar alguma serenidade. O P. Bruno conseguia criar este clima, graças também à presença do P. Romeo De Berti e do Ir. Fernando Cesaro. Então falávamos, brincávamos, contávamos factos de vida passados, sobretudo depois do jantar, na varanda da casa provincial, sorvendo um chá ou, se havia, um cálice de água-ardente, muitas vezes às escuras e à luz da lâmpada, dados os frequentes cortes de energia. Uma graça para um missionário é ter confrades que o ajudam a reencontrar a serenidade e a readquirir o entusiasmo pela missão. O P. Bruno foi uma graça para mim e, estou convencido, para todas aquelas pessoas que o encontraram».

P. Giuseppe Cavalieri (27.03.1939 – 18.01.2021)

O P. Giuseppe nasceu a 27 de Março de 1939 em Sant’Angelo d’Alife, província de Caserta. Ainda criança, o pai, guarda florestal, por motivos de trabalho, transferiu-se com a família para Fermo, na região de Marche. Com 17 anos, Giuseppe entrou no Noviciado Comboniano de Florença e depois no de Gozzano. Fez a sua primeira consagração ao Instituto a 9 de Setembro de 1957. Depois do curso de Teologia em Verona e Vene-gono e os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1963, a 28 de Junho de 1964 foi ordenado sacerdote, com cerca de cinquenta confrades do mesmo ano.

O primeiro campo apostólico do P. Giuseppe foi na comunidade de Nápoles, na animação missionária entre os jovens da região. Foi um serviço de cerca de seis anos, num período de grandes mudanças na cultura juvenil, nas tradições e na própria vida religiosa.

Em 1970, o P. Giuseppe deixou Itália em direcção ao Brasil, Província do Sul. Era o tempo da ditadura militar, iniciada com o golpe de estado de 31 de Março de 1964. O país atravessava um dos momentos mais duros da história brasileira, marcado pela falta de liberdade, pelo uso da tortura contra os opositores políticos e pela prática do terrorismo de estado. A primeira etapa da sua longa viagem apostólica foi, de 1970 a 1975, no seminário comboniano de São Gabriel da Palha, diocese de São Mateus (ES). Era tempo de crise, porque o sistema de formação dos adolescentes era considerado anacrónico. Num momento de «contestação global» dos jovens daquele tempo, o seminário menor era visto não só como inútil, mas até mesmo prejudicial para a formação dos jovens. Uma alternativa era a de criar uma escola colegial para os jovens das classes superiores. Tinha-se verificado o mesmo problema no seminário comboniano de Jerónimo Monteiro (ES). De 1976 a 1977, o P. Giuseppe também foi membro daquela comunidade. «O primeiro passo no processo de esvaziamento deste seminário foi suspender as actividades e enviar eventuais candidatos para outros seminários combonianos». No liceu de Cachoeiro de Itapemirim (ES), foram acolhidos os jovens sobreviventes dos seminários de Ibirajuba e de Jerónimo Monteiro, assistidos pelo P. Giuseppe. De 1978 a 1980 o P. Giuseppe foi enviado para a comunidade de Pimenta Bueno (RO). Ali, empenhado numa obra de sensibilização social e política, teve de enfrentar as dificuldades e os riscos ligados a uma pastoral considerada perigosa, porque queria unir fé e política. Em 1988 pediu e obteve dos seus superiores a possibilidade de participar, durante alguns meses em Roma, no curso SPICS (Studio Paolino Internazionale di Comunicazione Sociale). No início dos anos 90, assumiu a presidência do Serviço Social São Judas Tadeu, em São José do Rio Preto (SP), dando provas de competência e criatividade. Por isso, o provincial nomeou-o animador e coordenador dos serviços comunitários. Em 1955 foi chamado a Itália e destinado como animador vocacional à comunidade de Bari. Em 2002, regressado ao Brasil, aceitou o cargo de ecónomo provincial. Em Dezembro de 2004 foi convidado a assumir uma paróquia em Brasília. Humilde, disponível e obediente como sempre, assumiu a paróquia da Sagrada Família em Taguatinga (DF), onde «existia um «pluralismo ideológico, cultural e religioso». Por isso, a paróquia foi organizada para reunir os vários grupos étnicos num projecto de comunidade, a fim de evitar o isolamento ou a discriminação dos vários grupos. Confiada aos combonianos em 1971, foi servida durante 36 anos por

cerca de 25 combonianos e entregue definitivamente à arquidiocese de Brasília em 2007, pelo último pároco comboniano, o P. Giuseppe.

Seguidamente, foi enviado para a paróquia de Santo António (diocese de São Mateus). Outras etapas da frutuosa missão do P. Giuseppe foram as paróquias de Nova Contagem, na periferia de Belo Horizonte (MG), Tangará da Serra (MG), Santa Amélia em Curitiba (Paraná) e, como pároco, Nova Venécia (ES). Viveu os últimos anos da sua vida em Carapina (ES), onde desenvolveu um incansável trabalho pastoral, até à chegada da isquemia e do Covid-19, o vírus mortal.

Por seu desejo foi sepultado no cemitério de Nova Venécia, ao lado de outros combonianos, num espaço que ele mesmo tinha preparado para a nossa família missionária.

P. Italo Piffer (16.08.1929 – 19.01.2021)

O P. Italo nasceu em Cembra (província de Trento) a 16 de Agosto de 1929. Depois do noviciado em Florença, onde emitiu a primeira profissão a 9 de Setembro de 1950, fez o escolasticado em Venegono onde emitiu a profissão perpétua a 9 de Setembro de 1954. Foi ordenado sacerdote a 26 de Junho de 1955. Os primeiros cinco anos passou-os como promotor vocacional na comunidade de Pádua. «Alguns rapazes recrutados – disse o P. Renzo Piazza no funeral – recordam-no ainda com saudade. Giuseppe, um deles, escreveu: “Iluminou a minha infância... a minha adolescência e juventude... a minha maturidade... Agora ilumina a partir do céu a última parte do meu caminho com a tua fé esplêndida... adeus P. Italo!”.

O P. Italo fez a sua primeira aparição em Castel d’Azzano no Outono de 2017, a necessitar de reabilitação, depois de uma queda acidental na Casa Mãe. Uma vez restabelecido, pediu de imediato para voltar para lá. “Não me vou embora por ter sido maltratado... mas em Verona posso fumar, pelo menos à janela...”. Assim deixou-nos nos primeiros dias de 2018 para regressar quando precisou de mais assistência.

Quando a covid-19 chegou a esta casa em Novembro de 2020, também ele foi agredido pelo vírus, num momento em que a sua fragilidade tinha aumentado e a cadeira de rodas se tinha tornado o seu desconfortável lugar habitual de residência. A sua situação tinha-se deteriorado de tal maneira que os médicos não pensavam que chegasse ao Natal. Partilhou os últimos dias com o Ir. Antonio Marchi, que parecia estar melhor do que ele e recebia a Eucaristia todos os dias, ao passo que o P. Italo tinha os olhos fixos, não falava e não respondia aos estímulos durante dias a fio. Uma noite reparei que começava a mover os olhos. Cumprimentei-o e respondeu-me com um fio de voz. Perguntei-lhe se desejava a Eucaristia

e com um sinal disse-me que sim. Dei-lhe um fragmento do Corpo de Cristo e recebeu-o com uma alegria visível. Foi o seu último viático. O P. Italo foi uma presença discreta, sorridente, positiva entre nós. Centenas de vezes questionado sobre o seu estado de saúde, centenas de vezes respondeu: “Muito bem”».

Partiu para o Uganda em 1961 e regressou em 2016. Nestes muitos anos de missão ocupou-se de várias coisas, construiu igrejas e escolas. Era um arrebatador, sempre de chapéu na cabeça e cigarro na boca. E a sua atenção era dirigida sobretudo para os mais pobres, as pessoas deficientes, os leprosos, os doentes de sida. A sua visão da África era uma visão de grande fraternidade entre todas as religiões. O seu mote era: “trabalhar com eles e não para eles”. Nisto, ele foi um grande mestre. Quando as ONG começaram a perfurar poços perto dos centros de saúde em 1987, pretendia que perfurassem poços não só próximo dos da igreja católica, mas também dos dispensários geridos pelos muçulmanos, que ajudava muito «porque não tinham nada», dizia.

Depois da sua transferência para Anaka, a uma trintena de quilómetros de Gulu, uma das zonas mais perigosas no Norte do país, viveu sempre no fio da navalha, exposto a ameaças de morte, a furtos e pilhagens, sustentado por uma fé granítica e pelo ímpeto de ajudar os esquecidos, os últimos da terra. Deu-se conta, de imediato, que havia necessidade de uma igreja feita de tijolo e tecto com placas de zinco, em vez de uma cabana, e durante anos esforçou-se por encontrar financiadores para a igreja que depois conseguiu construir. Mas, como dissemos, era uma zona onde os rebeldes eram os patrões, e cada vez com mais frequência, eles vinham roubar até mesmo na residência paroquial procurando alimentos e medicamentos. Começaram por espancá-lo porque não encontravam nada. O P. Italo partilhava aquilo que tinha com todos, confiando sempre na Providência Divina. Chegou ao ponto de ter tirado as portas da residência para demonstrar que a sua casa era uma casa aberta a todos, mas predominantemente aos pobres.

O P. Teresino Serra, na sua homilia fúnebre, quis sublinhar sobretudo os seguintes aspectos da personalidade do P. Italo. «Homem simples: era impossível não gostar dele! Homem ancorado em Deus. A sua espiritualidade não tinha floreios; a sua relação com Deus era sempre espontânea. A oração era simples, mas sentida. Não lhe agradavam as teorias. Dizia: “a única verdadeira teologia é o evangelho. Todas as outras teologias são como as folhas, que caem no início do Outono”. Homem alegre: conquistava com o seu sorriso franco e espontâneo. Era feliz por viver e feliz por se encontrar com Deus. Homem rico daquelas riquezas ou tesou-

ros do coração de que fala Cristo. Amava a sua vocação missionária... Sentia-se orgulhoso de ser Comboniano. Amava a missão e o Instituto. Dizia: “Quem se queixa do Instituto não compreende nada”. Amava a sua família e a sua família amava-o. E com a família amava muito o seu país e o seu Trentino. Amava o sacrifício pessoal pela missão árdua, em sintonia com Comboni. Tinha um vício, que para ele não era vício, mas saúde: o tabaco. Os familiares de vez em quando mandavam-lhe uma encomenda postal. Chamava-me: “Vem, chegou a providência”; pegava no tabaco e deixava-o o resto para a comunidade».

Ir. Hans Abt (19.02.1940 – 19.01.2021)

O Ir. Hans pode ser considerado o protótipo do Irmão. Dotado de muito sentido prático, foi bem-sucedido em todos os trabalhos que lhe foram confiados no curso da sua vida. Nascido a 19 de Fevereiro de 1940 em Aalen, a uma vintena de quilómetros de Ellwangen, e crescido em Sontheim, perto de Heilbronn, foi admitido como candidato Irmão em Josefstal com 17 anos de idade, depois de ter completado a formação de horticultor. A sua mãe tinha colaborado na difusão da *Obra do Redentor* durante muitos anos. Foi deste modo que Hans conheceu os Missionários Combonianos desde criança.

Depois do noviciado (1957-1959) e a primeira profissão (29 de Junho de 1959), Hans trabalhou durante doze anos como horticultor em Josefstal e em Milland. Durante esse período participou num curso de Teologia e catequese. A 13 de Fevereiro de 1965 emitiu os votos perpétuos. Seguiram-se dois anos com a mesma actividade em Palença, Espanha: era o tempo em que cada comunidade local tinha um quintal para a produção de hortaliça.

Em 1975 foi destinado ao Peru, à casa provincial. Mesmo no clima seco de Lima foi capaz de manter a comunidade bem fornecida com hortaliça fresca; com um toque particular decorava a casa e a capela com flores do seu jardim. Fazia compras na cidade, acompanhava ao aeroporto os confrades que partiam e ia esperar os confrades e hóspedes que chegavam.

Em 1981 foi chamado para a DSP. Depois da construção da nova casa mãe de Josefstal, a antiga, a Comboni-Haus, foi transformada num centro de encontros e o Ir. Hans foi nomeado o seu ecónomo local.

Depois de um breve período na comunidade de Bamberg, em 1990 voltou para a Comboni-Haus para retomar a administração, colaborar na Obra do Redentor e manter os contactos com os benfeitores. O movimento KIM (*grupo de jovens missionários*) era então muito vivaz e um grande

número de jovens reunia-se muitas vezes em Josefstal aos fins de semana. O Ir. Hans mantinha relações cordiais com os jovens do grupo. Durante aquele período foi-lhe confiada uma actividade completamente nova: o cuidado dos confrades idosos e doentes. Em Bambergacompanhou um confrade gravemente doente e deprimido. Fê-lo tão bem que quando o Ir. Hans foi transferido para Josefstal, ele recusou-se a comer; por isso, também ele foi transferido para Josefstal, onde já se encontravam outros confrades doentes.

Alguns anos mais tarde o último andar da casa de Ellwangen foi reestruturado para acolher os confrades idosos e doentes, e o Ir. Hans foi encarregado do centro. Todos os dias ia à cidade para fazer pequenas compras, ir ao banco e era o primeiro a ler o jornal para informar, de seguida, os confrades do centro, tornando-se para eles um jornal «vivo».

O Ir. Hans nunca se pôs em primeiro lugar, nunca entrou em competição com outros: via as suas necessidades e intervinha. Até quase ao fim da sua vida punha a mesa do refeitório e depois das refeições punha a loiça na máquina de lavar.

Não dava importância aos primeiros sinais de falta de memória, ao contrário, até brincava com isso. Em Novembro de 2019, um grave ictus tornou-o necessitado daquela assistência que durante tantos anos tinha oferecido aos outros. No Natal de 2020 foi contagiado pelo Coronavírus que lhe causou a morte. Faleceu a 19 de Janeiro de 2021 num dos quartos do mesmo centro onde durante anos tinha acompanhado outros confrades até à sua morte. (*P. Reinhold Baumann*)

P. Giuseppe Giannini (06.02.1947 – 02.02.2021)

O P. Giuseppe – para todos, P. Pino – nasceu em Grumo Appula, província de Bari, a 6 de Fevereiro de 1947. Aos 18 anos entrou no noviciado de Florença, onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1967. Fez o escolasticado em Roma, onde emitiu os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1970 e foi ordenado sacerdote a 19 de Março de 1971. Foi mandado durante alguns anos para Bari, para o Centro de Animação Missionária e depois, em 1976, para Londres, para o estudo da língua inglesa. No ano seguinte partiu para a missão, destinado ao Maláui-Zâmbia, onde passou a maior parte da sua vida missionária.

Vejamos o que escreveu de Lunzu, a 4 de Janeiro de 1996, por ocasião do 25º aniversário de sacerdócio: «É desde 13 de Novembro de 1977 que começou para mim o período mais importante da minha vida e do meu sacerdócio: ou seja, desde que cheguei ao Maláui e 18 anos passaram como um sopro (com a bênção do Senhor que nos concedeu assim tan-

tos de seguida na missão). São estes anos missionários que me dão sentido ao sacerdócio recebido numa fresca sexta-feira de Março e precisamente a 19, festa de São José. Era então ainda um juvenzinho, magro e com todos os cabelos na cabeça (agora a situação virou-se ao contrário). Vinte e cinco anos depois, ainda há muito entusiasmo e muita energia na minha vida de padre missionário, mas penso que também há uma maior compreensão de certos aspectos desta vida. A África ensinou-me a saborear cada momento da minha vida e a aceitar os outros com paciência e tolerância. Naturalmente, há outras lições que aprendi em África. Nos meus dezoito anos no Maláui desempenhei diversos ofícios. Comecei com o trabalho numa missão rural e uma das minhas maiores satisfações e fontes de inspiração era a visita às famílias cristãs, casa a casa, na realidade da sua vida quotidiana. Depois puseram-me no sector da formação. Comecei no seminário filosófico nacional durante um breve período e depois passei a formador dos nossos postulantes durante oito anos. É um cargo que leva à formação do formador. Entre outras coisas, tive mesmo de ensinar matérias que se mas tivessem pedido a 19 de Março de 1971, talvez tivesse trocado de ofício. Mas o Senhor faz as coisas muito bem: cada uma a seu tempo. Entre estas coisas que tive de ensinar encontrava-se a Metafísica, a filosofia do conhecimento e outros deleites semelhantes. Sinto-me feliz por estes anos no Postulantado. Alguns destes jovens aproximam-se do sacerdócio e é algo que me faz sentir pai. Agora encontro-me a trabalhar na promoção vocacional, entre os jovens das escolas superiores que estão à procura. A minha outra tarefa é a das revistas «*New People*», em inglês, e «*Zikomo*» em chichewa, a língua nacional do Maláui. Sou o factótum desta última: redactor, responsável da distribuição, da administração, da correspondência, etc. (quando se fala em escassez de pessoal!). Os nossos postulantes traduzem-me os artigos em chichewa: O trabalho não falta e ainda sinto muita vontade de continuar a trabalhar no Maláui. Por esta síntese se pode ver que trabalhei em todos os três grandes sectores das actividades combonianas: evangelização, animação missionária, promoção vocacional e formação. Em suma, sinto-me satisfeito e tenho motivos suficientes para agradecer ao Senhor por estes 25 anos que se concretizarão dois dias depois da beatificação de Daniel Comboni».

Em 2003, o P. Pino foi chamado a Itália e destinado à Cúria Generalícia onde foi superior local até 2008, ano em que partiu novamente para a missão – desta vez para o Quénia – com o cargo de formador no Escolasticado de Nairobi.

Em 2014, para sua grande alegria, tinha sido novamente destinado ao Maláui-Zâmbia, para a paróquia de Lisungwui, empenhado no ministério. Em 2015 tinha participado no Curso de Renovamento em Roma e tinha depois voltado para Lisungwui. Ali foi atingido pelo coronavírus e faleceu no hospital de Nguludi a 2 de Fevereiro de 2021.

P. Salvatore Pacifico (28.11.1936 – 13.02.2021)

O P. Salvatore nasceu a 28 de Novembro de 1936 em S. Bartolomeo in Galdo, província de Venevento. Entrou no noviciado de Florença, onde emitiu os primeiros votos a 9 de Setembro de 1955. Como escolástico foi para Verona e emitiu os votos perpétuos a 9 de Setembro de 1961. Fez os estudos teológicos em Roma, onde foi ordenado sacerdote a 7 de Abril de 1962.

Logo depois foi destinado, como professor e prefeito dos estudos, para o noviciado de Gozzano, onde permanece até Setembro de 1968 quando partiu para a Inglaterra para estudar inglês.

No ano seguinte chegou ao Sudão – onde passou quase toda a sua vida missionária – para dar aulas no Comboni College de Cartum. Em 1973 foi para o Líbano para o estudo do árabe e voltou em 1975, nomeado reitor do seminário.

Dia 1 de Janeiro de 1977 deixou Cartum para regressar a Itália, transferido para Venegono com o cargo de mestre dos noviços. Em Julho de 1983 regressou para a missão com destinação Kwajok, Sudão do Sul, como vice-pároco.

A 23 de Junho de 1985, mediante convite de D. Nyekindi, bispo de Wau, deixou Kwajok, zona de guerrilha, para ir para Wau, onde se tornou reitor do Senior Seminary.

Escreve o P. Fernando Colombo: «Nos primeiros anos de 2000, o P. Salvatore encontrava-se em Wau onde se dedicava à promoção vocacional. Estava convencido de que esta era a hora das vocações locais. Seguindo esta sua orientação foi chamado a Cartum como director espiritual no Seminário Nacional de S. Paulo. Porém, o seu serviço não durou muito porque em 2008 foi reeleito pelos confrades (depois do período 1996-2001) superior provincial de Cartum. Esta escolha inusual de ser chamado novamente para o serviço de provincial, depois de já o ter feito por um período de seis anos, mostra a grande estima que os confrades tinham por ele. O P. Salvatore, embora já tivesse completado 70 anos, pôs-se ao trabalho com grande energia. Era o tempo da *Ratio Missionis* e a província tinha ficado um pouco atrasada neste trabalho; então ele lançou o programa de «retomar a *Ratio Missionis*» acompanhando-o em ordem ao Capítulo Geral de 2009 e animando os confrades com várias iniciativas.

Sonhava regressar ao Sudão do Sul para gastar os últimos anos da sua vida em algum lugar remoto ao serviço dos mais abandonados. Ainda antes do final do seu mandato, alguns dias antes do Natal de 2010, decidi deslocar-se a Raja, onde havia necessidade de ajuda, e aí permaneceu até ser designado.

O P. Salvatore Pacifico tinha uma espiritualidade muito profunda, do tipo do *agere contra* de Santo Inácio: estava disposto a sacrificar-se por Cristo e pela sua missão. Era uma pessoa alegre, mas solidamente ligado aos seus princípios; ao mesmo tempo, era também muito amável e compreensivo perante a fraqueza humana».

Os últimos dias de vida do P. Salvatore vêm-nos descritos pelo P. Joseph Maku que estava com ele. O P. Salvatore tinha ido a Juba para participar na assembleia provincial anual, de 16 a 22 de Janeiro. Seguidamente, tinha ido a Moroyok para dar um breve curso de história do nosso Instituto aos pré-postulantes, até 4 de Fevereiro. «No final da assembleia – escreve o P. Joseph – disse-me que tinha intenção de fazer um retiro de alguns dias depois do curso aos postulantes e perguntou-me se podia orientá-lo eu. Fez, portanto, o retiro de 5 a 12 de Fevereiro e tudo correu bem; o P. Salvatore não manifestava nenhum mal-estar. Mas notava-se que estava cansado, e dizia-o, acrescentando que, se fosse chegada a hora, ele estava pronto. Dia 13 de Fevereiro o P. Paul Idra telefonou-me a dizer que o P. Salvatore não estava bem. A meio do dia teve um ictus. Morreu naquela mesma noite na presença de diversos confrades e irmãs. Foi uma morte serena».

Rezemos pelos nossos defuntos

- * **O PAI:** Iván, do Ir. César Chacón Huamán (PE).
- * **A MÃE:** Cesarina, do Ir. Antonio Soffientini (I); Glafira, do P. Mario Alberto Pacheco Zamora (M).
- * **O IRMÃO:** Ricardo, do Ir. Sergio Gómez Cuadros (PE); Pablo, do P. José Delgado Domingo (TCH); Corrado, do P. Fulvio Cristoforetti (†); Rocco, do P. Rodolfo Cipollone (I); Manuel, do P. Carlos da Silva Neves Sobrinho (†); Placido, do P. Francesco Laudani (CN).
- * **A IRMÃ:** Mariana de Jesús, do P. Fernando Eduardo Flores Avila (CO); Anna, do P. Eduard Falk (PE); Maria, do P. Fidelis Pezzei (DSP).
- * **AS IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS:** Teresa Tortorella, Flor Castro Romero, M. Palma Goretti, Anna Maria Grimoldi.
- * **A SECULAR COMBONIANA:** Teresa de Palma.